

# caminhar II

Crónicas publicadas no Jornal Voz Portucalense  
Volume II (2016-2020)

Joaquim Armindo

Prefácio: Helena Pina Cabral



Tecto de Novens

# Dedicatória

Ao Professor Doutor José Manuel Pina Cabral, a título póstumo – médico prestigiado, professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e que com grande amizade me apoiou sempre, às vezes em circunstâncias adversas.

É uma alegria que a minha amiga Helena Pina Cabral, sua filha, tenha aceitado o convite de prefaciar este livro

## PREFÁCIO

O teólogo suíço Karl Barth escreveu que o cristão precisava de “*segurar numa mão a Bíblia e na outra o jornal do dia*”. Síntese feliz de uma perspectiva da vivência cristã alicerçada na Palavra de Deus - e em particular da mensagem evangélica – enquanto fortemente enraizada no mundo que nos rodeia. Perspetiva de alguém que sonha a atualização da Palavra na vida que pulsa e que em cada momento nos interpela.

A vivência do autor deste livro é uma materialização das palavras de Barth. Cristão assumido, casado, pai de dois filhos, engenheiro, doutorado em Ecologia e Saúde Ambiental, também licenciado em Ciências Religiosas e atualmente investigador num pós-doutoramento em Teologia, (peculiar percurso!), Diácono Permanente da Diocese do Porto, ordenado por D. Manuel Clemente, tem sido também jornalista, homem da escrita, com colaborações regulares em diversas publicações tanto nacionais como estrangeiras.

Ao longo das crónicas agora compiladas, e que atravessam um período de cinco anos de publicações no jornal “Voz Portucalense”, perpassa uma realidade clara: a de um cristão atento às questões do mundo em que vive e que não se demite da interpelação e da reflexão sobre os sinais que vai lendo, sempre procurando sobre eles trazer o foco e a luz do Evangelho.

Cinco anos de crónicas semanais, de 2016 a 2020, vividos num Portugal e num mundo pleno de convulsões. Plenos de desafios e de problemas, alguns com raízes longas no tempo, outros novos ou até inéditos.

Os temas entrelaçam-se e tanto podem ser numa semana de cariz mais teológico, como na semana seguinte serão já sobre economia, o orçamento do Estado ou as eleições que se avizinham. É assim que as preocupações com o trabalho temporário e os baixos salários andam a par com a participação cívica na vida política ou que a desconfiança sobre a ditadura dos mercados se alia à reflexão sobre a cidade, enquanto lugar de fraternidade e de desenvolvimento do homem em comunidade. Os tempos “do século” e os tempos “de Deus”, unidos nestas crónicas, quando, por exemplo, o autor reflete sobre a Quaresma e se questiona sobre os desafios ambientais e o jejum que pode traduzir a vivência virtuosa do não consumismo.

A missão da Igreja – e em particular do clero - enquanto sinal de serviço ativo e não de exercício de poder (ou poderes) é tema que ocupa de forma significativa estas crónicas, traduzindo uma inquietação visível na forma como o autor lê e observa os sinais de um determinado tipo de vivência eclesial. Que questiona e para o qual propõe alternativas cujas raízes trazem o sabor da radicalidade do Evangelho.

Ao longo dos anos os temas da pobreza, da crise em que o país vive mergulhado, as desigualdades sociais, as preocupações ambientais, o desafio do ecumenismo ligado à defesa da nossa “casa comum” são temas que percebemos que o autor não quer/não deixa que passem para segundo plano. E daí, sempre, a palavra atenta, como quem vigia e se mantém alerta, naquela espera ativa a que o Evangelho nos convoca.

Perpassa, ainda, nestas páginas uma presença, um pensamento, uma voz, que percebemos serem inspiradores para o Diácono Joaquim Armindo: a presença, a voz e o pensamento do Papa Francisco. Revê-se na visão do atual Papa em matérias tão importantes como a missão da Igreja e a vocação servidora do seu clero, identifica-se com a sua perspectiva de uma economia baseada na justiça e não dominada cegamente pelas leis do mercado, partilha as suas palavras de tolerância e inclusão. A certa altura escreve: “Os sonhos de Francisco e as suas reflexões atingem em profundidade a vida humana”.

Lendo estas páginas vamos descobrindo como as circunstâncias da vida são motivo de reflexão de um homem que vive profundamente o mistério da Fé e através dele pensa o que o rodeia. A Bíblia e o jornal – ei-los presentes na vida do diácono Joaquim Armindo. Disso é reflexo a leitura que agora se nos oferece e que nos fica como registo de um modo de ser cristão que vive na inquietude de dar corpo e contexto à Palavra de Deus, na vida real dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Helena Pina Cabral

## SILÊNCIO

A excelente revista internacional “Concilium”, trata, no seu número de novembro, o tema do “Silencio”, salientando que a “comprensión del silencio tiene facetas espirituales, eclesiales, afectivas, políticas, filosóficas”, colocando o acento deste silêncio nas práticas espirituais de muitas tradições, não só a cristã, mas também no hinduísmo e budismo. O Amor necessita de silêncio, para que se torne uma práxis de comunicação, uma quádrupla comunicação do amor ao próximo, do amor a Deus, à Criação de Deus e só assim nos poderemos amar a nós próprios. Não é um silêncio não - comprometido, ou mesmo anti comprometido, mas atuante, que fala; o silêncio na sua ambiguidade pode ser tradutor de uma ineficácia, e, logo, ineficiência, não é deste, porém, que reflete a revista, nas várias tradições, incluindo o silêncio em Taizé. Que diga-se tanto tem realizado a favor de um ecumenismo integral, abundante, e nada inumano. Antes de uma humanidade de que Jesus é protótipo, quando no meio da sua vida atribulada escolhe os sopés dos montes para se dirigir ao Pai.

O silêncio como contemplação, uma interiorização pessoal, uma regra indispensável na vida e que como cristãos não estamos habituados. A dado trecho refere Sebastian Painadath, na revista citada, que “existe una tendencia en el cristianismo a acentuar fuertemente el aspecto ético y social de la fe a costa de la transformación personal. Al entrar en contacto con los objetivos espirituales de los hindúes, los budistas, los jainitas o los sijs, caemos en la cuenta de lo indisciplinados que somos los cristianos”. E de facto torna-se verdadeiro que nós, especialmente os jovens, se vêm confrontados com tantas implicações na vida, que não deixam tempo para pensar, contemplar, meditar, o silêncio. O silêncio perante Deus tem de existir, para uma comunicação natural, e se não o for, acusamos Deus de estar em silêncio, quando nós impomos as nossas próprias convicções e não deixamos entrar a “labareda”, como com Moisés, na cena da sarça-ardente.

Este silêncio impele-nos a ser interventivos no diálogo com todos os homens e mulheres, a abraçar as causas sociais, ambientais, económicas e culturais e a (re) ler as nossas atividades, como atores da sociedade; um silêncio interior para saltar, aliás como Moisés, para o meio das questões, não com “voluntarismos incipientes”, mas concertados connosco e levando, aos nossos meios, a Paz e a Justiça, de um Deus que fala através de nós. Um silêncio que nos inquieta, porque nele está o Amor, e este dá-se, ao dar-mo-nos.

## PORTO: A CIDADE

O município do Porto está no começo da discussão do seu “Plano Diretor”. Para tal vai promover uma série de eventos e está a recolher as opiniões dos munícipes. Esta matéria de discussão e participação deverá ser pública e participativa. No sentido de serem ouvidos todos os cidadãos do Porto e elaborarem um plano diretor que signifique o seu interesse pelo bem comum. Pelas avenidas, mas também pelos bairros. Pelas grandes transformações, mas também pelo bem-estar das populações. Que vivem nos grandes prédios ou em simples bairros, as “ilhas”. Os que dormem em casas e camas e aqueles que vivem e dormem na rua. Principalmente os que menos têm, aqueles sem voz e sem vez. Para estes a cidade é! Não estão de passagem, nem estão de férias, a cidade do Porto é tudo o que possuem. O seu lar, a sua família, as suas casas, seus filhos e filhas. Seus parentes. Esses conhecem a cidade como ninguém, palmo a palmo, escutam-na de noite e de dia. Vivem as palpitações do seu coração, porque escutam as estrelas que brilham sobre os seus olhos e o som húmido do húmus da terra, onde dormem.

Mas, o Porto, a cidade, em si, não é isolada. Possui outras cidades, concelhos à sua volta. A estrada da Circunvalação, a menos uma pequeníssima parte, é a sua fronteira. Mas os que a habitam são muito mais. Discutir um “Plano Diretor” para a cidade é legislativo, mas não conforme as realidades situacionais. A geografia não é na terra que se desenha, mas nas vivências que se possuem. Os outros concelhos à volta têm uma identidade característica que é ser do “Porto”. O ar que se respira não possui quaisquer fronteiras, mesmo que o queiramos. Por isso, urge, um Plano Diretor muito maior, que contenha todos os concelhos: Gaia, Maia, Matosinhos, Valongo, Gondomar, Vila do Conde, Trofa, sei lá quantos mais! Será redutor se todos eles não possuírem toda a palavra sobre este “Plano”. Mais: integrem um plano diretor à escala de todos.

Um plano diretor engloba, também, quatro características básicas, se não, não o é. Elas advêm do que se entende por Sustentabilidade. Não devem crescer uma, em desfavor da outra, ou melhor sem a outra. A Economia é importante – quando não é “economicismo” -, mas o Ambiente, a Coesão Social e a Cultura, são o fundamento do desenvolvimento. Qualquer Plano Diretor que não as tenha por base é o fracasso da administração. O território só o é, quando se bebe a espiritualidade das gentes. O querer ser feliz só tem sentido real, quando parte dos seres, que até podem ser inertes, são vivos. A isso chama-se Ecologia do Desenvolvimento. Sem esta relação dos seres vivos e até inertes a Vida não o será. Este pequeno contributo para a análise do “Plano Diretor” da cidade do Porto.

## MARTA E MARIA

São Lucas (Lc 10, 38-42) conta um episódio entre duas mulheres irmãs, chamavam-se Marta e Maria. Jesus, sempre nas periferias, prosseguia o seu caminho de indicar o Amor do Pai como o único que conduziria a um Reino, onde todos e todas pudessem viver o delírio constante da Boa Nova, entrou numa aldeia e dentro dela, como convidado, em casa de Marta. Não sabemos se Marta vivia só, mas é curioso que é uma mulher a oferecer a sua casa ao Mestre, só isso mereceria uma referência especial. Também sabemos que Marta tinha uma irmã, chamada Maria e um irmão Lázaro, referido em São João. Como seria natural, receber em casa um convidado, e para mais aquele nazareno, que era Jesus, mereceria uma especial atenção. Afadigou-se nos serviços que a sociedade lhe requeria como mulher: talvez uma boa refeição, com um bom vinho e que Jesus estivesse bem instalado. Coisas normais que ainda hoje quantos de nós não fazemos para que os nossos convidados se sintam bem. Este era um especial, era o Jesus que dava alento aos pobres, curava as enfermidades e proclamava uma sociedade sem sujeição.

Mas Maria teve uma outra atitude, sentada aos pés de Jesus, ouvia-o ativamente, escutava a sua palavra, estava cativada por aquele homem, por isso com a sua insignificância, humilde, “estava a seus pés”, diríamos nós agora “enfeitiçada”. Marta reparou e, talvez, justificadamente, com algum ciúme, disse a Jesus, “olha que a minha irmã bem me poderia ajudar”, por que está aí e eu ando para aqui apressada para te servir e isso não te preocupa? Então Jesus contundente e indo ao fundo da questão respondeu: “Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas”, só uma é necessária e Maria escolheu-a. O trabalho de Marta não era importante, como o de Maria? “Ora essa, ando aqui a correr de um lado para o outro, ofereço a minha casa e agora ouço esta” – terá pensado Marta.

Este relato dá sempre comigo a refletir sobre o que dizemos agora sobre “o papel da mulher na Igreja”. Será o de Maria? Será o de Marta? Talvez andemos demais “inquieta” e “perturbada” com estas perguntas. Na azáfama diária de querer “controlar” tudo e todos, estamos a ficar distantes deste Jesus que acolhe Maria e Marta, com o mesmo amor, façam o que fizerem. Talvez estejamos a empurrar, ainda mais, as mulheres a uma submissão que Jesus não quereria. O trabalho de Marta e Maria eram ambos bons, como o foi de outros homens e mulheres. Bem diz o papa Francisco que sobre as mulheres muito há a fazer, mesmo que sejam diaconisas. Se for assim, bem-vindas as mulheres ao diaconado!

21/12/2016

## DIACONADO, UM LIVRO

“Um Tesouro Inesgotável” é o título que o nosso amigo e irmão em Cristo, diácono António Cunha, dá, neste Natal, à estampa, com o subtítulo: “Às Voltas com a Misericórdia de Deus”. Em boa hora escolheu a publicação deste livro de meditação e endereçado aos 25 anos dos primeiros diáconos ordenados na Diocese do Porto, que se comemora em 2017. Edição da “Tecto das Nuvens”, o livro, com 92 páginas, constitui uma agradável surpresa pela escrita fluente, que aliás já nos habituou nas páginas da Voz Portucalense aquele diácono permanente, e a substância do conteúdo. Um livro que deve ser lido, e mastigado, por todas as pessoas e de modo particular pelos diáconos, presbíteros e bispos. Lemos de “fio a pavio” e ficamos à espera de mais, desta escrita com exemplos concretos e admiravelmente dirigido com afetuosidade, ao mesmo tempo com sabor amargo, mas lúcido e alegre, do que é ser diácono permanente. Alegria que lhe advém do Evangelho e daquela máxima da ordenação: “Crê o que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas”.

Sobre os dezoito diáconos, ordenados em 1992, refere que “estes diáconos, apesar de tantas dificuldades, têm prestado serviços importantes”, o seu exercício “foi escola de conversão”, apesar de lhe doer o coração ao “ser rejeitado, olhado de lado”, sentiu-se “privilegiado com a amizade do sacerdote com quem trabalhei numa paróquia...vinte e dois anos” e mesmo quando doente, “com cancro” teve “manifestações de carinho e de apoio espiritual”. O livro também constitui uma palavra de confessionário público e de defesa do ministério de diácono permanente, enquanto trabalhador, casado, com filhos e acolhendo a chamada de Deus para o ministério que abraçou há 25 anos. No início cita o papa Francisco quando afirma “é triste quando se vê um homem que busca este cargo [bispo] e, quando conquista o que quer, vive somente para a vaidade”, o que é válido para os presbíteros e diáconos.

Medita ao longo do livro nas obras de misericórdia corporais e espirituais, sempre com exemplos da sua vida quotidiana e lembra o texto do “Pacto das Catacumbas”, da igreja Serva e Pobre, comparado com a realidade que diz ser “bem diversa”. O poder “salvo honrosas exceções” é o objetivo de muitos, quando se pergunta quem manda na diocese ouve-se “o senhor bispo” ou quem “manda na paróquia” é o “senhor abade”, por isso “torna-se necessário que cada batizado assuma que participa na missão fundamental da Igreja, conforme os dons que Deus lhe concede”. Jesus não veio para deter o “poder”, mas para “servir”, “veio para dar a vida” para que “todos tenham vida e em abundância”. Obrigado meu amigo e irmão Cunha, pela tua coragem e meditação.

4/1/2017

## ALIMENTO DIÁRIO

A Bíblia é uma biblioteca de livros. Escritos nos mais variados tempos e lugares. Constitui a história de libertação das figuras de Adão e Eva até à vida de Jesus. Tudo nela existe, o maravilhoso livro do Cântico dos Cânticos ao Apocalipse de João, das cenas da fuga dos hebreus do Egito até aos discursos de São Paulo, passando pelos profetas ou o primeiro concílio, realizado em Jerusalém. Reconhecemos a luta de Jacob com Deus, os belos poemas que são os salmos, os livros de Judite ou Ester, à paciência de Jó, às profecias sobre a vida de Jesus, até ao conhecimento da família de Jesus e seus pais. Vivemos os primeiros tempos dos cristãos, chamados os do “Caminho”, percorremos com o diácono Filipe o caminho da pregação e com o diácono Estêvão o martírio de confessar Jesus e os seus ensinamentos. Saboreamos os livros de Isaías, a beleza da poesia em Génesis sobre a criação do mundo, o velho Zacarias ou as lúcidas cartas insertas no Novo Testamento. Aí aprendemos como o Senhor não se deu com poderes instituídos e morreu. Aí aprendemos como o Senhor ressuscitou para a Vida.

Ler a Bíblia não é um dever dos cristãos, mas uma necessidade de alimento. Ler a Bíblia é saber rezar diariamente ao Senhor Jesus. Quando constitui um “dever” esta leitura, pode significar uma sua não-leitura e que da nossa parte pouco ou nada queremos refletir. O mesmo como quando somos obrigados a “comer”, almoçar ou jantar, abjuramos essa comida. Mas quando temos fome sentamos-nos e acariciámos cada “garfada”, como se fosse única. Ler a Bíblia é isso, alimentação diária e sorvida, por que é única. Também nos sentamos e não queremos perder qualquer palavra, sabemos que o Espírito sopra sempre, em todas as ocasiões e lugares. A fé que queremos saudável é consubstanciada por esta leitura, oração quotidiana e aprendizada, sempre que mastigamos a leitura, como se fosse a primeira vez. Cada versículo alimenta a força de saber sermos cristãos, desde que não nos fechemos.

Significa que temos de ser estudiosos nos tempos e espaços, históricos e geográficos, que cada um dos livros invoca. Mas também deixar que o Espírito do Senhor atue em cada uma e cada um, de acordo com a sabedoria provinda da Sua ação esclarecedora. Por um lado a leitura bíblica constitui em si uma necessidade de alimento, por outro será estudo, que a nós cabe, reflexivo do que Deus quer dizer. Estudo e abertura, mas nunca “fecho-corrido” ao novo, imanente e transcendente. Ler com a sabedoria dos simples e com o florescimento dos lírios. Ler a Bíblia é esta luta que travamos com Deus, diária e persistente, no sentido da conversão radical à Vida, ao Novo Nascimento.

Ano Bom de 2017, para todas as leitoras e todos os leitores.

## O JEJUM

Estávamos na sexta-feira, 3 de março, no Vaticano o papa Francisco refletia sobre o jejum, e disse: “Mas como se pode pagar um jantar de duzentos euros e depois fazer de contas que não se vê um homem faminto à saída do restaurante? E como se pode falar de jejum e penitência e depois não pagar os contributos às colaboradoras domésticas ou o justo ordenado aos próprios empregados recorrendo ao salário não declarado? Precisamente do risco de cair na tentação de sair pela tangente da vaidade, do querer parecer bom fazendo uma oferta consistente à Igreja, enquanto se exploram as pessoas. Na sua reflexão continuou: “o verdadeiro jejum que brotou da atualidade eloquente das palavras do profeta Isaías: “Não é esse o jejum que eu quero. Eu quero que soltem aqueles que foram presos injustamente, que tirem de cima deles o peso que os faz sofrer, que mandem em liberdade os oprimidos, que acabem com todo o tipo de escravidão? Não consiste porventura em dividir o pão com o faminto, em acolher em casa os pobres, desabrigados, em vestir alguém que vês nu sem descuidar os teus parentes?”.

Incisivo o papa Francisco sobre o que entende por jejum, que é, aliás, já referido pelo Livro dos Livros – a Bíblia -, não vai buscar nada que lá não esteja, atualiza, isso sim, para os nossos dias aquilo que nela se lê. Às vezes nestes dias quaresmais não verificamos quais são os nossos grandes pecados e confessamos aqueles pequenitos. Deus sempre dá a absolvição a todas e todos que de coração sincero levam a sua penitência para suprir o mal, que por ação, ou inação, tenham realizado. A penitência que cada um de nós carrega será como o publicano que tomando consciência do que tinha realizado em vida, e dobra a sua doação aos outros, porque sabe que assim obterá não só o perdão, mas a misericórdia daqueles a que ousou ferir, mas não só essa também a de Deus?

Claramente é isto: comemos à farta e depois ignoramos o arrumador de carros, dado que será para a droga? Mas a droga não é confeccionada por esta sociedade a que nós pertencemos? Um caso concreto, que se aplica quase a muitos milhares de cristãos, pagamos para a Segurança Social as contribuições devidas, para as senhoras que fazem a limpeza nas nossas casas? Paga-se o salário devido aos trabalhadores das nossas empresas ou recorremos a baixos salários exploradores e até a trabalho clandestino? Damos uma oferta vantajosa à Igreja e exploramos os outros, como se a Reino fosse comprável e não uma doação de Jesus? Os presos, os nus, os famintos, os oprimidos, os doentes, veem em nós o “samaritano” ou o “escriba e o sacerdote”?

## ATÉ JÁ, MEU BISPO

Quando abrimos as janelas da vida, brotamos lágrimas em flor. Quando as magnólias estão murchas, semeamos os campos de camélias. Quando o trigo imorredoiro nasce, comemos o pão nas lareiras. Quando as nuvens bebem o sol, derramamos o arco íris. Quando passeamos nas alamedas, construímos os paladares. Quando o outono verdeja, sentimos os ventos primaveris. Quando o mar se encapela, vestimo-nos de esteios de cetim. Quando bordamos a aurora, rezamos aos ciprestes em flor. Quando tocamos a harpa, a poesia torna-se vertente. Quando cantamos a dor, os foguetes estoiram no ar. Quando os dedos das nossas mãos vertem ar, desejamos ser as formigas em construção. Quando a canção é beco, enevoa-nos os olhos. Quando caminhamos pelas vertentes, os sentidos voam ao som dos pássaros. Quando os prados se espriam, sogamos as montanhas a caminho. Quando cavamos o milho, as espinhas sangram nas nossas mãos. Quando escutamos o vento, o granizo toca-nos nos quereres. Quando amamos, os olhares derretem o açúcar das moçoilas. Quando sentimos a luz, embarramos trevos de quatro folhas.

Inverno passado. Estava frio. D. António tinha a garganta tocada. Então que devo fazer? Senhor Bispo chá de limão com mel. Mas hoje tenho tanto que falar. Bem leve estes rebuçados e chupe. São do Dr. Bayard. Obrigado por ser meu amigo. Pensei. Está sempre a dizer-me obrigado! Mas é assim com todos. Obrigado! O som desta palavra dito no relacionamento afetivo dos seus olhos. Que chegaram a ser uma incógnita para mim. Os olhos da bondade são sempre assim. Congratulei-me depois. O peso da terra era uma particularidade. Por que sulcar o chão sagrado era para os pés dos famintos e dos oprimidos. Era faminto e oprimido também. O seu coração estava cheio de noites não dormidas ou mal dormidas. Cada decisão bailava no sangue que dava ao Seu Senhor. Partilhava no silêncio as dores do seu povo, para assumir a alegria da festa da novidade. Primavera passada. Olhe que eu leio sempre o que escreve. Continue. Não o disse em privado. Mas várias vezes em público.

O senhor bispo António Francisco apanhou-me. Partiu em segredo. Nada pediu. Tudo deu. Por isso não se despediu. Verdade que também não me despedi. Para ele já não existem horas ou lugares. Mas está. Aqui. Agora. Foi mas veio. Veio dizer a todos nós que aí está. Ainda digo: Até já, meu bispo. Mas sei que ele está aí, ao virar da esquina e segue cada um de nós. Ainda caminha ao nosso lado e connosco. Ler o sorriso de D. António Francisco é ler os mais pobres na sua humildade. Até já, meu bispo, por estes caminhos de pedras, haveremos sempre de subir ao som da torre.

## LIBERTAÇÃO!

O Natal é libertador e libertação. O nascimento de menino Jesus só pode ser entendido assim, não existe mais qualquer hipótese. Isso deve ser comemorado, mas mais que comemorações de família, ele deve envolver a família humana e a família dos seres vivos. Já o papa Francisco o dizia numa das suas reflexões, no início do advento. Deus trará a libertação ao seu povo, como refere Isaías (11,1-10), e cumpriu a sua promessa com o nascimento de Jesus. Do pequenino menino à força da sua morte na cruz. Jesus não nasce para morrer, mas para viver a Vida. Dizia Francisco a “pequenez, vem de uma raiz, brota um rebento; cresce, vai em frente — porque o Espírito está ali — e chega à plenitude”. A plenitude da humildade é a característica de Jesus, que nasce como vemos, sem o luxo farisaico da época, mas da sabedoria de ser o mais pequenino que cresce diariamente, porque se dá, se oferece, não aos presentes dos poderosos, mas à força daqueles que não têm vez, nem voz.

O papa Francisco continuou na sua reflexão, e para que esclarecesse bem as ideias diz que ser humilde não é ter “cara de santinho”, mas ser portador desta marca que é aceitar as humilhações, perseverando a força do presépio e da cruz, desenvolvendo as atitudes de libertação. Encarnar Jesus nas nossas vidas é ser aquele que toma a responsabilidade da Verdade, porque ela o liberta.

Este espírito libertador que o Natal dá a cada um constitui um caminho sem retrocesso. Libertar-nos do poder que se exerce é a primeira porta libertadora. A libertação é um efeito desta liberdade, que só se consegue com o caminho percorrido numa humildade que afoga o poder. Há a necessidade de liberdade e libertação, por que existem poderes, de vários matizes, que não jogam com o menino do presépio e o homem da cruz.

Ser humilde é o contrário de ser poder. Assim foi Jesus, que sofreu na sua humildade as várias humilhações, e isto é distintivo de quem tem poder ou não. Jesus o único “poder” que possuía era o de ir ao encontro de todos, com um só sentido, o do Amor e da Misericórdia, que por natureza é um não - poder. No presépio ou na cruz Ele encontra-se com o seu povo, a humanidade, dá-lhe a Vida, mesmo que a tenha de perder.

3/1/2018

## **PR. MANUEL CARDOSO**

Sentado junto a esta janela duma das ruas de Cambridge, de um segundo andar, e onde se vê um lençol branco que cobre todo o espaço ao redor, escrevo esta crónica. Ontem nevou menos e por isso consegui passar pela Faculdade de Teologia de Harvard e pelo Centro de Estudos das Religiões do mundo da mesma universidade. Também visitei um cemitério que em vez das nossas lápides de mármore era constituído, podiam ser vistas cruzes sem mais ou monumentos funerários, sobretudo por camada de neve cobria todo o cemitério. Uma paisagem linda neste mês de Natal e que na primavera se transformará em relvados. Estamos no princípio da tarde, quando no meu país está mesmo a começar o telejornal das oito da noite. Passei o Natal nesta Cambridge onde os sons do vento se confundem com o levantar da neve.

Daqui lembro o meu amigo Pastor Manuel Cardoso, da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, com o seu olhar profundo, quase confundido pelas lentes grossas dos seus óculos. Manuel Cardoso foi um expoente importante no ecumenismo em Portugal, desde logo como Secretário-geral do COPIC, Conselho Português de Igrejas Cristãs, onde desenvolveu um importante trabalho de reconciliação. Presidente da sua Igreja Presbiteriana foi ainda insigne professor do Seminário Evangélico.

Verdade que era um “calvinista austero”, mas por ele, todos nos sentaríamos à mesma mesa da Ceia do Senhor. Era de uma amizade que o fazia telefonar-me as vezes que foram necessárias, para uma palavra amiga e de presença nos momentos mais difíceis. Nunca encontrei no Pastor Manuel Cardoso o menor indício contra a minha identificação religiosa, sempre a mesma compreensão e amizade. Corretíssimo nas relações, respeitador de todas as pessoas e duma atitude séria e humilde que é de destacar. Quando agora se encontrou com o Senhor da sua vida, este não lhe terá perguntado se era presbiteriano, calvinista, luterano, anglicano ou católico romano, mas ouviu com a solenidade da vida “entra no Reino do Teu Senhor, servo bom e fiel”.

A toda a Igreja Presbiteriana e à sua família o meu sincero desejo de me dobrar perante a memória do Pastor Manuel Cardoso, e até um dia em que nos encontraremos, já sem os “rótulos” das religiões.

## RESSUSCITOU!

Muitas vezes me encontro a pensar porque Jesus morreu numa cruz. Em linguagem de hoje, diremos que um inocente, chamado Jesus, foi condenado à pena máxima – a execução -, porque Deus, o Pai, o exigiu, para resgatar a humanidade de todos os seus pecados; se não fosse isso toda a humanidade não era salva. O Pai nem o salvou das dores, dos pregos nas suas mãos e pés e na lança que lhe trespassou o lado, ao ponto de Jesus lançar o lamento a Deus porque Este o abandonou. Embora estas palavras reflexivas sejam duras, os ouvidos que as ouvem ou leem, começam a desconfiar deste Deus dos cristãos que é Amor e Misericórdia. Perguntam-se a si próprios - e nós, lá no fundo, também perguntamos -, se este procedimento de um Pai é normal para um Filho, que é o próprio Deus encarnado. Dúvidas e mais dúvidas começam a surgir em tantos, que às vezes não as pronunciam por vergonha ou “para não terem problemas”. Mas isto talvez seja o dia-a-dia, e daí pregamos contra Pilatos ou Herodes.

Se fosse hoje que Jesus proclamasse o Evangelho em Portugal, talvez fosse preso, interrogado e sujeito a medidas de coação. No entanto não seria morto, mas pelo menos levaria o cúmulo jurídico: 24 anos de prisão. Mas se fosse em outro país onde a pena de morte está em vigor, seria essa a pena aplicável. A acusação era igual, as entidades oficiais e o povo, mesmo aquele que agora chora na semana santa, esses seriam os primeiros na condenação. Seria que a igreja – não a cristã, dado não existir ainda -, não o condenaria? Claro que sim, o processo histórico repete-se. Não com o dramatismo de então, mas outro bem mais profundo, que pode não atingir o corpo, mas a mente.

Penso que o mais importante não é a morte, mas a Ressurreição. Poderia morrer por velhice, que mesmo assim ressuscitaria, daria uma nova mensagem à humanidade. Se fosse hoje e aqui não teria pensão de velhice ou de invalidez, porque Ele era dos mais pobres dos pobres, a ressurreição seria a novidade. Por isso mesmo, cantamos um Jesus liberto da cruz e das dores, ou talvez Jesus açoitado pela fome e miséria, talvez um sem-abrigo e com os amigos e amigas a fugirem. Mas na Ressurreição está a liberdade, até da morte. A Ressurreição é a matriz da nossa Fé.

20/6/2018

## MUNDIAL – 2018

Passam-se no futebol certas situações que nos deixam a pensar. Não é que não goste do espetáculo, nem mesmo que o meu País ganhe o Mundial. Aliás quando a “equipa das quinas” joga todos nós vibramos, mesmo aqueles que ficam tão “nervosos” que nem os vêm, como eu, por exemplo. Existe um sentimento que nos liga à nossa bandeira e ao nosso hino, o que, diga-se, é desejável. Os largos milhares que se unem uns aos outros pelo país fora, são disso característica, e não é só uma questão social, mas muito mais cultural. Estas mobilizações possuem o condão de unir até os inimigos. Por Portugal nós e os emigrantes, então nem se fala, vibramos com os feitos dos “nossos” e desfraldamos a bandeira onde quer que estejamos. É um fator de coesão, naqueles minutos se esquece tudo, menos o ânimo de que os nossos jogadores, joguem e ganhem. Tudo para à nossa volta, e os mais religiosos até rezam para que o seu país meta golos na baliza do outro país. Penso que nos faz bem esse grande espírito que alimenta também as vidas.

Há sempre um outro lado, o das somas avultadas com que tratamos o futebol. Tal como nos bancos, se um banco está perto da falência, sempre se arranjam os mil milhões de euros, que não existem para mais nada, a não ser como salvadores dos bancos. No futebol fala-se em “transferências”, “empréstimos” e “ordenados” que são de espantar. Ganhar, livre de impostos, 50 milhões por ano, mais os prémios, faz arrepiar. Bem sei que é uma “profissão de desgaste rápido”, tal e qual os pescadores ou mineiros, mas estes não ganham isso. É necessário esforço, tal qual em qualquer profissão, onde os princípios, o esforço, a dedicação, imperam. Todos nos damos ao trabalho, mas não conseguimos ganhar na vida inteira o que alguns ganham num mês. Não é isto contra ninguém e mesmo o CR7, quantas vezes em silêncio, distribui por outros, aquilo a que não era obrigado.

Noutro sentido: um jogo de futebol é uma colaboração de 11 “contra” onze e mais uns tantos a fiscalizar. Ora bem, se não existisse a outra equipa, não existia jogo. Por isso, é uma “colaboração”, onde “ganha” quem meter mais golos na outra baliza. Uma colaboração que temos de entender e não jogar “balas” contra um suposto “inimigo”.

Para pensar e viva a nossa seleção!

19/12/2018

## VIVER EM NATAL É POSSIVEL

Às vezes pensamos que “viver em Natal” é uma impossibilidade. Mas não é! E por duas razões: a primeira é que Jesus realmente nasceu e ressuscitou, e a segunda é que há quem vive mesmo intensamente em natal todo o ano. Por exemplo, na Malásia existe um idioma onde os verbos “emprestar”, “roubar”, “comprar” ou “vender”, não existem. Já os verbos “trocar”, “cooperar” ou “partilhar”, existem. Curioso, como é possível uma “ecologia da economia da comunhão”. Talvez não tenham tanta tecnologia, mas possuem o coração do Menino que em Belém nasceu. E ressuscitou – afirmamos nós os cristãos -, a maior vitória sobre a morte. Se Ele nasceu e ressuscitou, então é possível “viver em Natal”. Quantas vezes vivemos numa “economia fechada”, aos lucros, e às “compras”, como se isso fosse a Ressurreição. Dar presentes é melhor que receber, e isso também faz parte do nosso quotidiano, mas não é tudo; porque o Natal é a Festa da Família dos Vivos, não como um isolamento a sós, rondando um solipsismo de figura invulgar.

Mas outros povos também vão descobrindo um “viver em Natal”. Segundo Roberto Charupá (revista Concilium, novembro de 2018), os povos ameríndios “a partir de una profunda espiritualidad sentida, vivida y expresada en símbolos mítico-rituales en permanente transformación, como la Madre, han sabido superar situaciones difíciles luchando siempre por la Vida plena y auténtica. Se trata de una sabedoría monádica, comunitária y resiliente que na ecoteologia ameríndia cristiana intenta recoger y compartir en categorías occidentales para enriquecer la pluralidade teológica”. Porque redescobrir “viver em Natal”, é uma experiência e que tudo está relacionado com tudo. Tudo tem vida, que se radica numa sacralidade simbólica da realidade quotidiana, na manifestação do divino, de que não são excluídos os modos, formas, tempos e espaços, para dar-se a conhecer e revelar-se.

“Viver em Natal” significa descobrir – não construir, dado tudo estar construído -, na chama do presépio: o Amor e Misericórdia, a Paz e a Justiça, que advêm do Nascimento e Ressurreição de Jesus, em tudo e em todos.

2/1/2019

## COMPRAVA NO QUIOSQUE

Vinha de Gaia ao Porto. Pela ponte de D. Luís, percorrida a pé. Meu destino o quiosque que vendia a Voz Portucalense. Porque a VP se vendia nos quiosques, era um jornal avançado, visado pela censura, dirigido pelo então padre Rui Osório, era ao lado de muitos outros jornais – estes não da Igreja – uma, como se diz, lufada de ar fresco. Ao nível da diocese do Porto também, mas dirigia-se a “uma cidade”, que superava em muito a diocese. Um jornal missionário, porque se metia nas coisas, era profético e adivinhava uma nova era de democracia. Dirigia-se a todas as tradições religiosas, e profundamente empenhado na “caminhada ecuménica”. Lembro-me um dia de ter convidado o padre Rui Osório para moderar uma mesa-redonda sob o tema “Ser Cristão Hoje”, que aceitou, e onde estavam as várias tradições cristãs, no Salão dos Jovens do Torne (Igreja Lusitana). A VP inseriu a notícia nas suas páginas centrais, sem qualquer problema, antes incentivando a caminhar para mais longe. Caminhando para que a Igreja do Porto, toda a diocese, tivesse uma cidadania livre e comprometida, nunca indiferente. Pegava na Igreja do Porto e colocava-a na rua, nas pedras e pedregulhos dos problemas daquele tempo inquisitório e de censura.

Acompanhou-me durante a minha estadia na guerra colonial e servia-me da VP como jornal de referência, na luta contra essa mesma guerra. Era assim a VP com muito bons artigos e, sobretudo, apontando os caminhos do Evangelho, de paz e justiça. O objetivo principal da VP era a “saída”, o ir ao encontro das pessoas, cristãs ou não, que se oponham a “uma ordem estabelecida”, bem no pensamento do Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes. Essa “ordem estabelecida” ainda hoje existe, é uma campânula onde se tenta mascarar a democracia e a liberdade, com projetos não condizentes com a dignidade da pessoa humana.

Agora, já há seis ou sete anos, que tenho dado a minha humilde contribuição para este jornal da Diocese do Porto, a convite do Diácono António Cunha, que, diga-se, foi um jornalista incansável. Com maior ou menor alteração a VP prossegue o seu caminho, já sem censura, de outro modo. Mas que tenho uma saudade grande de ir ao quiosque e dizer que quero a Voz Portucalense, isso tenho!

Parabéns à VP e que prossiga o seu caminho, na senda da justiça e paz, do Evangelho do Senhor Jesus.

27/3/2019

## **OLÁ, SENHOR BISPO!**

Foi exatamente esta a frase que usei, há muitos meses, quando, na sacristia da Sé do Porto, me encontrei com o então presbítero Américo Aguiar. Na altura pedi-lhe desculpa, mas disse que um dia seria assim que o trataria. Estava longe de pensar que seria tão próximo, mas também como diz o nosso povo que a boca diz o que vai no coração. E talvez fosse! A verdade é que o presbítero Américo Aguiar é bispo, e eu não sou profeta. Ainda me lembro do zelo e amizade com que o agora D. Américo Aguiar me levava a D. Manuel Clemente, quando tinha audiências com este. Sempre atento conduzia-me desde a porta até à sala de audiências, percebia-se a sua generosidade e o seu empenho em que todos fossemos tratados com a dignidade de pessoas. Não me posso esquecer, nem de, por exemplo, na paróquia da Foz do Douro me ter dado a precedência junto à estante, sem querer aparecer como “pessoa importante”, mas dando ao outro essa possibilidade, são coisas que não se esquecem D. Américo! Não aparecer, mas estando por detrás de tudo.

D. Américo Aguiar é bispo, porque sempre foi servo. Não o conheci da Maia, onde trabalhou, mas da diocese do Porto, onde foi durante largos anos o “braço direito” do bispo. Aquilo que nos deixa no Porto é um trabalho notável, a requalificação da Torre dos Clérigos, onde se empenhou decisivamente; foi D. Américo Aguiar quem conseguiu colocar este grande monumento da cidade do Porto no roteiro indispensável de quem visita a cidade ou dos seus cidadãos. Com indisfarçável clareza dá contas dos seus rendimentos e para onde vão, em missiva que envia a todos nós, e ninguém lho pediu, mas achou que assim seria transparente a sua gestão. Nos ciclos de colóquios que se faziam na cidade, e que eram financiados pela “sua torre”, encontrei-o a dirigi-los, como quem sabe que não era pelo número de pessoas presentes a garantia de insuflar cultura na Universidade do Porto.

Creio bem que D. Américo Aguiar é, de facto, uma valia indiscutível que o Porto, mais uma vez, oferece a Lisboa. Que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ele, e lhe dê animo, coragem, como tem tido até aqui. Agora já posso dizer com toda a propriedade: “Olá, Senhor Bispo”. Um abraço amigo, D. Américo!

17/7/2019

## **ESQUECER A CULTURA!**

No meu país vão realizar-se eleições e as várias sensibilidades apressam-se no compromisso disto e daquilo. Começa a prometer-se baixa de impostos, com a redução de défice. Começam os rotineiros exercícios macroeconómicos, para nos dizerem a capacidade financeira do país. Na nossa Assembleia da República discutiu-se o Estado da Nação, e o senhor ministro das Finanças interveio, como de costume, no fim do debate. Para nos falar de certas coisas, que não percebemos. Porque o nosso povo, nós!, não percebemos a linguagem usada que nos diz que tudo está a ir bem, ou tudo foi mal. O que nós sabemos é que existem pobres, sem-abrigo, pessoas à espera de consultas médicas tanto tempo. O que nós percebemos é que pagamos, que nos sai do bolso, para pagar dívidas, que ninguém nos perguntou se queríamos. Mas tudo isto faz parte da nossa vida, viver em comum, viver em comunidade; também é isto mesmo, que não percebamos tantas e tantas coisas e palavras. Nós só queríamos ser companheiros, contarmos com os nossos nomes e “em mesa” comer do mesmo pão. A audição não se faz só em eleições, mas na participação cívica e ativa, em todos os momentos que vivemos nesta aldeia global, de que o nosso Portugal faz parte.

Tanto gostaria de ouvir a senhora ministra da Cultura num debate final do Estado da Nação. Mas nunca ouço, às vezes os meus ouvidos timbrem uns tímidos 1% do PIB, para a Cultura, mas pouco mais que isso. Como se a Cultura não fosse a base do desenvolvimento económico, social e ambiental. A felicidade do nosso povo reside na Cultura e um povo culto é o dinamismo da sociedade. Tantas empresas já entenderam sobre a Cultura como sintonia para o seu desenvolvimento. E mesmo tantas empresas já entenderam que a espiritualidade é um dos maiores bens que possuem. Não estou a chamar ninguém para a minha espiritualidade consubstanciada em Jesus de Nazaré, seria proselitismo e tal não faço.

Estou só a pedir para não se esquecerem da Cultura, base de todo o engrandecimento do nosso povo. Que existam partidos e eleições, mas se esqueçam da Cultura. Sem ela não vamos lá, e o Banco Central Europeu ou o FMI, não nos oferecem Cultura, só dinheiro, a juros. Seria bom que o (a) Ministro (a) da Cultura discursasse no fim do Estado da Nação!

## CONVERSÃO ECOLÓGICA

A paz também é necessariamente uma conversão ecológica – enfatiza o bispo de Roma, papa Francisco na sua mensagem para o dia mundial da Paz, 1 de janeiro de 2020. “O mundo não precisa de palavras vazias, mas de testemunhas exigentes, artesãos da paz abertos ao diálogo sem exclusões nem manipulações.”, refere ainda que não haverá Paz enquanto um diálogo não for a procura da verdade, para além dos milhares de ideologias e ideias diferentes, sempre úteis, desde que sirvam o bem viver. A paz é dos seus construtores, ou descobridores, sim porque a Paz de Deus existe, só que nós a tapamos muito bem, por isso é que Francisco refere que a Paz se constrói sempre buscando o bem comum, na escuta mútua, onde cresce a estima, onde se vê no “inimigo”, o rosto de Deus, o rosto de um irmão. Ora para tal é necessário, não o caminho do juiz que julga o outro, mas do reconhecer no outro as qualidades que nos estão vedadas, pelas grandes traves dos nossos olhos.

Esse caminho de reconciliação é também a escuta e contemplação do cosmos, criado por Deus, e que não imaginamos sequer onde começa e onde acaba, porque não tem começo, nem fim. É, simplesmente. Essa reconciliação com a nossa “casa comum” se é obtida à força do diálogo, não em julgamento, no atendermos a tantas forma de vida, diferentes para cada um de nós, mas iguais para Deus, no atendermos ao facto de que os recursos naturais, nos foram confiados, não para os atropelarmos, mas como “seres cultivados e guardados”. Tal significa mudar de vida, de convicções e perspectivas diferentes das que temos, e percebermos que em toda a Criação de Deus, existe beleza e sabedoria.

Não só neste, mas em todos os documentos do bispo de Roma, fala nesta conversão ecológica, e “Ecologia” com a ciência da relação entre as entidades vivas e o meio ambiente, nesta sinecologia necessária ao nosso desenvolvimento cultural, social, económico e ambiental – um meio ambiente onde pontificam seres abióticos e bióticos. Então, esta conversão ecológica necessária à construção – ou descobrimento da Paz –, não será obtida através duma conversão assintomática temporal, mas de um sentido na profundidade de cada ser humano e na sua relação com toda a Criação. Desconhecer isto, é não viver, como uma felicidade de “cada um no seu cantinho”. Desconhecer ou ignorar isto não é ser construtor da Paz.

2/1/2020

## AS CONTAS DE D. ANTÓNIO BARROSO

No excelente livro, de rigorosa investigação, do meu antigo professor o bispo D. Carlos Azevedo, “António Barroso e o Vaticano – Correspondência”, podemos ler: “Na diocese do Porto é antiga praxe publicar todos os anos uma pequena pastoral com as contas do Dinheiro de São Pedro; tenho seguido este costume por que o acho excelente. Nesse documento costuma vir o aviso de recepção da quantia do envio pelo Santo Padre e isso é bom para animar os fiéis. Há muito que tenho a pastoral feita, mas não a tenho publicado esperando sempre o documento a que me referi. Venho Pedir a V. E.R. o favor de me dizer se devo esperar ou publicar sem ele” (Carta ao núncio Andrea Aiuti de 3/10/1901, página 108).

Sabemos todas e todos que os tempos são outros, e o bispo do Porto não tem que solicitar quaisquer autorizações deste tipo ou outras. Tudo está mais descentralizado – não me refiro ao Óbolo de São Pedro, como é óbvio -, tudo é mais colegial, caminhamos afinal para a Sinodalidade, para ouvirmos e corresponsabilizar as pessoas, os fiéis e o clero, mas gostaria de sublinhar este querer de D. António Barroso publicar as contas e que isso era excelente; até que o seu povo soubesse que o Santo Padre tinha recebido e quanto, porque afinal eram eles os do povo que haviam contribuído para tal. A isto D. António Barroso chama “pastoral”. Uma pastoral transparente sobre os dinheiros “caídos” na igreja, é muito significativa – para mim -, que esta pastoral estava e está certa, dizer com clareza das “contas da igreja”, contar ao Povo de Deus como estão as finanças. Não se trata de desconfianças, mas de evidências claras de como são geridas as finanças. Não sei se D. António Barroso faria isso em todas as receitas e despesas da diocese do Porto, mas quanto ao “Dinheiro de São Pedro”, fazia.

Quando ao ler o livro deparei com esta pastoral, disse cá para mim – a minha camisa não tinha botões -, ora aqui está uma prática a ser seguida para uma pastoral da corresponsabilidade. E se a diocese do Porto, todas as suas paróquias publicassem as suas contas – sei que algumas publicam -, se todos os organismos da diocese também as publicassem? Se todas e todos soubermos de como vamos de finanças, do nível local ao diocesano? E se esta tarefa fosse uma tarefa laical? Aqui fica a reflexão, graças a D. António Barroso.

## VAMOS SAIR DO COVID – 19, MAS NÃO DAS OUTRAS PANDEMIAS

Estamos a passar, ainda, pelo COVID -19, a pandemia que abalou os alicerces da economia e um ataque à coesão social sem precedentes e à saúde das pessoas. Se se torna verdadeiro que estaremos nos últimos tempos de um vírus que ainda ninguém sabe como apareceu, também o é, que ainda não será desta a era de um novo paradigma que contenha uma conversão ecológica e integral, nos homens e mulheres e nos seres vivos. Podemos dar um passo de consciência e elaborar mais uma etapa à frente, mas, talvez, só para manter vivo um sistema onde o desenvolvimento integral humano ainda não caminhará na direção apontada pelos princípios do “Desenvolvimento Sustentável”, ou ainda mais avançado na esteira da “Laudato Si” e da “Querida Amazônia”. O manifesto lançado por 64 empresas portuguesas: “Aproveitar a crise para lançar um novo paradigma de desenvolvimento sustentável”, do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável – Portugal (BCSD- Portugal), congrega, em si, energias para um “novo modelo de desenvolvimento”, chamando as sustentabilidades económica, social e ambiental. Preocupação legítima nas suas cinco ideias fundamentais: desenvolvimento sustentável e inclusivo, crescimento, eficiência, resiliência e cidadania corporativa, mas aquém de uma sociedade respeitadora da sustentabilidade cultural, de que nos fala Francisco.

Compreendo a solicitude das empresas referidas, grandes empresas, e até a sua preocupação com o ambiente ou a coesão social, e isso é positivo, mas não conseguem dar o passo decisivo para uma conversão ecológica. Note-se que não estou a afirmar que ela só se encontra na Igreja Católica Romana ou noutra confissão religiosa, mas nesta aceitação daquilo que é a harmonia da vida, e que tão bem os povos aborígenes nos ensinam. Não é, assim, o apelo a uma conversão religiosa, mas a uma “conversão” à dignidade humana e a todos os seres vivos, e isso falta naquela declaração. Não podiam ir mais longe, acredito e aceito, o que fizeram já é alguma coisa.

Agora mais de que nunca é necessário que as Igrejas, de todas as denominações, tragam à prática aquilo que disseram na semana da “Laudato Si”, sendo capazes, de, sem proselitismos, apresentar aquela humanidade que Jesus quer. A hora é nossa, da nossa atuação como cristãs e cristãos, de juntamente com toda a humanidade, descobrirmos, nem é necessário construir, porque já está, um mundo, um cosmos, livres da subjugação e onde o Amor e a Misericórdia sejam o quotidiano. O que é libertador de outras “pandemias” que por aí jazem há tanto tempo.

15/12/2020

## NATAL DUM JUDEU MARGINAL

Desde que nasceu a vida de Jesus é de um judeu marginal. À margem, porque não está enredado nas linhas dos poderes, mas entregue a todos os marginalizados e descartados da época e de hoje. Temido pelos dois poderes o do templo e o do político, Jesus nasce à margem de qualquer de qualquer nascimento de um bebé. Os evangelhos relatam que foi numa gruta, não porque José ou Maria quisessem – os pais nunca querem isso para os seus filhos -, mas, sim, por não existir qualquer lugar mais aconchegado. Se fosse nos dias de hoje, seria um sem-abrigo, cuja casa era a rua, mesmo estando determinado que após as 11 da noite não poderia estar, por causa do COVID-19. Talvez tivesse a sorte de passar por lá alguma organização de apoio aos sem-abrigo, eclesial ou outra, e desse a Maria algumas fraldas e um chã quentinho. Assim: Jesus nasce como marginal, num sítio marginal, unicamente aquecido com o bafo de alguns animais. Mas nasce no seio de uma família, onde não falta a Natureza, no Amor de José e de Maria. Esse Amor inaugurado por um nascimento marginal é aquele que ainda hoje persiste em ser a única via de Salvação da Humanidade e do Cosmos.

Durante a sua vida continua a ser marginal. Colhe espigas ao sábado, para espanto dos religiosos. Fala com uma inimiga, dando-lhe a Água Viva, no poço dos samaritanos. Conta histórias de espantar, como aquela de um samaritano que auxilia um judeu, quase a morrer, na berma da estrada, quando os seus amigos do templo passaram adiante, e não será por acaso que Jesus se refere ao sacerdote e ao levita. Ou aquela, do “Pai Misericordioso”, quando o filho lhe leva toda a herança e gasta-a à “boa-vida” e quando, arrependido, regressa, o Pai corre para o acolher e presenteia-o com uma festa, à revelia do irmão que sempre ficou com o pai. Ou quando despede em Paz uma mulher adúltera – o adultério podia não ser sexual -, acusada por tantos “homens cumpridores da lei”, mas incapazes de a cumprir.

Este Jesus, que comemoramos no Natal, é mesmo um marginal, nascido na “margem”, continuou o seu caminho, ao ponto de expulsar os cambistas – homens do dinheiro –, do templo sagrado, cometendo um grave pecado, o de tirar o proveito aos senhores do templo, defraudados pelo dinheiro que os cambistas lhe dariam.

Amor, Misericórdia, Justiça e Paz, de todos para todos, como Fraternidade e Amizade, são, mesmo, neste tempo, marginais, como poderia não ser, e continuar a ser, Jesus um marginal?